

Da importância de ler Gullar

Revista *Veredas online*

Aparentemente, Ferreira Gullar (São Luís, 1930) escreve pouco: apenas um livro de poemas por década, e todos terminados com a sensação íntima que é o último, que a sua poesia esgotou-se, que os caminhos da linguagem estão fechados, e que portanto sua obra poética está concluída. Mas Gullar é como uma fênix (o incêndio do corpo, a vertigem da existência são alguns de seus temas recorrentes, e literalmente o jovem poeta sentia-se em chamas ao vagar pela cidade compondo, por exemplo, o incendiário “Roçzeiral”, escrito em abril de 1953), e sua poesia ressurgue sempre por novos caminhos de expressão, mas com a mesma intensidade e compromisso com a vida comum e a elaboração de nossa identidade nacional. Por esta feliz confluência de pesquisa formal de vanguarda, canto lírico das alegrias e dissabores da vida individual, e alinhamento com uma dimensão coletiva da história nacional, que Sérgio Buarque de Hollanda, já em 1980, na introdução de *Toda poesia*, pode afirmar que Gullar “é o nosso único poeta maior dos tempos de hoje”.

Em termos formais, poucos poetas ousaram tanto e são tão versáteis quanto Gullar. Seu livro de estréia, *A luta corporal*, 1954 (na verdade, seu primeiro livro, não incluído em *Toda poesia*, foi *Um pouco acima do chão*, publicado ainda em São Luís, em 1949) já demonstra um incrível *tour de force* com a linguagem, desde os extraordinários “poemas portugueses” que abrem o livro (com um quê de simbolismo e um quê rilkeano) e os conhecidos poemas “Galo galo” e “A galinha”, pioneiros na linhagem de textos dedicados a essas aves na literatura nacional, aos poemas finais do livro (entre eles, “Roçzeiral”), que “explodem” a linguagem no impasse da impossibilidade da

significação. Logo após, o poeta escreve *Crime na flora*, livro tão formalmente ousado que só seria publicado 30 anos depois, em 1986. Seu pioneiro engajamento com as experiências das vanguardas concretista e neoconcretista no final dos anos 50 geraram alguns dos mais contundentes poemas desses movimentos, como “mar azul”, “o cão vê a flor” e *O formigueiro*. A capacidade de Gullar para inovar, descobrir novos caminhos e incorporar novas ferramentas de linguagem impressiona mais uma vez no seu último livro, *Muitas vozes*, 1999. Nele, o poeta freqüentemente faz uso da precariedade semântica, versificação quase aleatória e temas prosaicos presentes na poesia brasileira – com resultados quase sempre duvidosos – desde a assim chamada “poesia marginal” dos anos 70, para criar extraordinários poemas de alto impacto emocional.

Em *Uma luz do chão* (1978), Gullar diz que “tornou-se então um desafio para mim elaborar uma linguagem poética que expressasse a complexidade do real sem, no entanto, mergulhá-lo na atemporalidade, na a-historicidade, na velha visão metafísica.” A poesia de Gullar cativa e emociona porque nunca se distancia demais das emoções vividas por todos nós, pelos cidadãos comuns, em situações comuns e cotidianas. Ou seja: a poesia de Gullar nunca se esquece do outro, nunca renuncia a este diálogo com o outro. Desta forma, o poeta insere-se na tradição dos maiores poetas brasileiros, que foram, além de grandes poetas, também poetas populares, poetas nacionais – basta lembrar Gonçalves Dias, Castro Alves, Augusto dos Anjos, Bandeira e Drummond. Poemas como “Homem comum”, “Vestibular”, “Notícias da morte de Alberto da Silva”, “Poster” – apenas para citar alguns – todos de *Dentro da noite veloz* (1975), falam com sinceridade, humor, solidariedade, lirismo e lucidez de situações que todos nós vivemos, sejamos ricos ou pobres, jovens ou velhos.

Reconhecido tanto por suas pesquisas formais da linguagem poética quanto por sua capacidade de expressar o que todos nós vivemos e sentimos, Gullar é também um poeta engajado com sua nação e com a história de seu povo. O *Poema sujo* (1976), talvez sua obra máxima, é um longo canto de exílio, escrito em Buenos Aires, que concentra todas as qualidades formais e líricas de sua poesia e, ao mesmo tempo que traça uma trajetória pessoal através da memória, lança uma “luz suja” (uma mescla de imagens prosaicas e sublimes) na formação de nossa identidade enquanto brasileiros, a ponto de Otto Maria Carpeaux declarar que o poema deveria se chamar “Poema nacional”. A contribuição do poeta Gullar é extraordinária porque seus poemas enriquecem simultaneamente os campos da linguagem, do lirismo e da identidade nacional, e essa contribuição rende ao poeta uma unanimidade quase que total entre seus pares, público e crítica. Ser modelo e referência para tantos não é pouco, principalmente num país onde literalmente centenas de jovens poetas – divididos em dezenas de tribos e facções – parecem despontar a cada dia.